

Dança Crítica

Alvin Ailey, uma máquina de eficiência

Companhia americana trouxe dançarinos impecáveis na técnica, mas responsáveis por apresentações sem nuances

Helena Katz
ESPECIAL PARA O ESTADO

Foi no dia 30 de março de 1958 que tudo começou. Alvin Ailey (1931-1989) reuniu um grupo de jovens dançarinos negros e estreou a sua companhia, decidido a criar uma dança capaz de ser reconhecida como afro-americana. Dois anos depois, coreografou *Revelations*, obra que o projetou internacionalmente e se tornou a marca registrada do seu projeto artístico. Até hoje presente no repertório, ajuda a traçar não somente o arco que desenha a construção

de um “corpo Alvin Ailey”, mas sobretudo a sua transformação em um bem-sucedido produto.

Ailey foi tecendo um padrão que se impôs mercadológicamente. Sua mistura de técnicas modernas de dança com o rigor das linhas do balé e a estetização de movimentos da tradição afro caiu no gosto do público que consumia dança. O resultado estético, temperado na medida exata por corpos lindos e tecnicamente impecáveis não pedia grande esforço para a sua aceitação e cumpria um importante papel social: pespegava nas suas plateias a confortável

sensação de engajamento na luta contra o racismo que se fazia cada vez mais indispensável.

O programa estreado em São Paulo espelha o eixo estruturante que a fórmula assinada por Ailey tem na sua continuidade. As obras do jamaicano Garth Fagan (*From Before*, de 1978), de Robert Battle, o diretor artístico da companhia desde 2011 (*Takademe*, de 1999) e de Ronald K. Brown (*Grace*, de 1999), mesmo assinadas por diferentes coreógrafos, apontam para a consagração de um mesmo entendimento de gramática e de vocabulário que dá for-



FREDERICO ROZARIO/ESTADÃO

ma a este modelo de “dança moderna afro-americana”.

O elenco impressiona pela qualidade do que faz, pelo cuidado com os acabamentos, pela preci-

são dos tempos e controle das dinâmicas. Mas, pelo meio desse caminho de 55 anos, algo sucedeu com a musicalidade, que deu lugar a uma execução sem as nuances

que temperam os passos quando a audição se expande para além do acompanhamento rítmico. A possibilidade de reconhecer assinaturas próprias nas interpretações também desapareceu. Nada disso sobreviveu à máquina de eficiência em que a companhia se tornou.

Grupo. Não foi possível reconhecer assinaturas próprias

Sua apresentação em um local tão anti-dança quanto o Credicard Hall também deve ser computada. Sem a possibilidade de fazer do palco um convocador de foco, pois dele tudo escapa, os bailarinos não conseguiram fechar aquele circuito mágico que envolve a plateia no que estão fazendo.